



A PAIXÃO PELA HISTÓRIA: SABER E COMUNICAÇÃO

ESTUDOS DE HOMENAGEM A MARIA JOSÉ FERRO TAVARES

JOÃO LUÍS CARDOSO, JOSÉ DAS CANDEIAS SALES, ANA PAULA AVELAR [EDS.]

A PAIXÃO PELA HISTÓRIA: SABER E COMUNICAÇÃO

ESTUDOS DE HOMENAGEM A MARIA JOSÉ FERRO TAVARES

JOÃO LUÍS CARDOSO, JOSÉ DAS CANDEIAS SALES, ANA PAULA AVELAR [EDS.]

UNIVERSIDADE ABERTA | LISBOA 2024

TÍTULO

*A PAIXÃO PELA HISTÓRIA: SABER E COMUNICAÇÃO.
ESTUDOS DE HOMENAGEM A MARIA JOSÉ FERRO TAVARES*

CAPA

"Alegoria da História", alusiva à Academia Real da História Portuguesa. Gravura sobre cobre de Pedro de Rochemont, Lisboa, 1739. Reprodução de exemplar do original setecentista. Coleção particular.

EDITORES

JOÃO LUÍS CARDOSO, JOSÉ DAS CANDEIAS SALES, ANA PAULA AVELAR

EDITOR

UNIVERSIDADE ABERTA

COLEÇÃO

CIÊNCIA E CULTURA, N.º 29

PRODUÇÃO

SERVIÇOS DE PRODUÇÃO DIGITAL

ISBN: 978-972-674-977-6

DOI: [HTTPS://DOI.ORG/10.34627/UAB.CC.29](https://doi.org/10.34627/UAB.CC.29)

ANO: 2024

Este livro é editado sob a Creative Commons Licence, CC BY-NC-ND

De acordo com os seguintes termos:

Atribuição - Uso Não-Comercial - Proibição de realização de Obras Derivadas.

Os artigos publicados neste volume são da inteira responsabilidade dos seus autores, incluindo o uso do Acordo Ortográfico de 1990.

RESUMO

Este livro de homenagem congrega estudos de vários docentes da Universidade Aberta, bem como de outras instituições, maioritariamente da área científica da História, com um enquadramento cronológico alargado que se estende da Pré-História à Contemporaneidade. Pretende-se assim prestar tributo ao percurso académico e profissional da Professora Maria José Ferro Tavares, ilustre medievalista, especialista no estudo dos Judeus em Portugal, e antiga Reitora da Universidade Aberta.

Palavra-chave: Maria José Ferro Tavares; História; Homenagem.

ABSTRACT:

This tribute book brings together studies by several teachers from Universidade Aberta, as well as other Portuguese institutions, mostly from the scientific area of History, with a broad chronological focus that extends from Pre-History to Contemporary times, as a form of recognized tribute to the academic and professional trajectory of Professor Maria José Ferro Tavares, illustrious medievalist, specialist in Jewish studies in Portugal, and former Rector of the Open University.

Keywords: Maria José Ferro Tavares; History; Homage.

Palavras Prévias

Apresentação

Curriculum Vitae de Maria José Pimenta Ferro Tavares

- 1. Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara**
O caminho da História: Um diálogo com Maria José Ferro Tavares
- 2. Filipe Themudo Barata**
Memórias da orientação de um investigador
- 3. Maria do Rosário Themudo Barata Cruz**
A Maria José Pimenta Ferro Tavares, com afectuoso abraço
- 4. Rui Mataloto e João Luís Cardoso**
As antas, marcadores simbólicos das paisagens e dos territórios medievais
- 5. Francisco Caramelo**
Um diálogo entre Assurbanípal e Nabû: tradução e algumas nótulas
- 6. Bernardo Vasconcelos e Sousa**
Nobreza Medieval Portuguesa – Dos conceitos e do seu uso historiográfico
- 7. Isabel Maria Barros Dias**
Reis, elites e judeus: estereótipos e didatismo historiográfico
- 8. Maria Filomena Andrade**
A rainha Isabel de Portugal: o poder, a vontade e a misericórdia
- 9. Manuela Santos Silva**
Judeus e mouros na proximidade das rainhas medievais de Portugal: contactos, serviço e antagonismos
- 10. Luís Miguel Duarte**
“Delles proves, delles mortos”. A mobilidade social no termo do Porto, segundo o Livro da Abertura da Rua Nova de 1438
- 11. Saul António Gomes**
Isaac Abravanel: breves elementos para a sua biografia
- 12. Julieta Araújo**
A família e as legitimações na chancelaria de D. Afonso V. Alguns exemplos
- 13. Carlos Carreto**
O *real* e as suas dobras. Notas sobre o maravilhoso na literatura medieval
- 14. Nunziatella Alessandrini**
Uma viagem pelas quintas italianas em Portugal no século XVI
- 15. Ana Isabel Buescu**
Poder, diplomacia e circulação cultural no século XVI
- 16. Ana Paula Avelar**
A “Fortuna” como signo de um discurso imperial no Portugal do século XVI

17. Pedro Flor

'Dar água pela barba': algumas notas sobre a figura do Judeu nos Painéis de S. Vicente

18. Carlos Castilho Pais

Judeus e 'línguas' – pai e filho ao serviço dos portugueses no Oriente

19. Teresa Campos Coelho

Alguns aspectos da Nobreza do *Portugal Restaurado* intuídos a partir de um manuscrito de João Nunes Tinoco (c.1616-1690)

20. Paulo Oliveira Ramos

Fialho de Almeida: um patrimonialista singular

21. José das Candeias Sales

José de Souza Larcher e Sua Alteza o Khediva Abbas Hilmy II – Memória ilustrada sobre a construção de um sistema de ponte-barragem no Nilo (1898)

22. Mário Avelar

História, memória e autobiografia. Uma leitura de *Robles, Duelo al Sol*, de Sonia Tercero Ramiro

23. Carla Aurélia de Almeida

A Língua Portuguesa em (inter)ação: mecanismos de mitigação e *envolvimento conversacional*

24. Ana Pinto Moura

Adesão às escolhas alimentares saudáveis: intervenção dos fatores psicológicos modificáveis

25. Hermano Carmo

A educação num quotidiano instável: desafios e trilhos de intervenção

26. Ana Nobre

Elementos de um trabalho bem feito: a arte de ser professor

Tábula Gratulatória

14

UMA VIAGEM PELAS QUINTAS ITALIANAS EM PORTUGAL NO SÉCULO XVI

A JOURNEY THROUGH ITALIAN FARMS IN PORTUGAL IN THE 16TH CENTURY

Nunziatella ALESSANDRINI¹

ID: [0000-0003-4340-7903](https://orcid.org/0000-0003-4340-7903)

[CHAM – FSCH – UNL]

nunziatellaa@fsch.unl.pt

RESUMO

A redacção do percurso vivencial dos mercadores italianos que no século XVI se encontravam na capital portuguesa nos conduziu para caminhos que, ao longo dos anos, se tornaram pistas de investigação e de estudo sobre o território português. A viagem na descoberta das quintas italianas que aqui se apresenta não é certamente exaustiva, e é importante sublinhar, desde já, que de algumas destas quintas temos ainda património visível, sendo que a presença de outras apenas está detectada através de descrições em documentos variados.

Palavras-chave: século XVI; quintas; mercadores italianos; Portugal.

ABSTRACT

The writing of the experiential path of the Italian merchants who were in the Portuguese capital in the 16th century led us to paths that, over the years, became clues for research and study about the Portuguese territory. The journey to discover the Italian farms presented here is certainly not exhaustive, and it is important to highlight, from the outset, that some of these farms still have visible heritage, while the presence of others is only detected through descriptions in various documents.

Keywords: 16th century; farms; Italian merchants; Portugal.

¹ This work is funded by national funds through the Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), I.P., under the Norma Transitória – DL 57/2016/CP1453/CT0009. It also had the support of CHAM (NOVA FCSH – UAc), through the strategic project sponsored by FCT (UIDB/04666/2020 – <https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020>).

Ao investigar a presença italiana em Lisboa no século XVI, deparei-me com um *modus operandi* comum no percurso vivencial destes estrangeiros que criaram o seu próprio estatuto através duma política de casamentos com as classes mais destacadas da sociedade portuguesa. Refiro-me à instituição de morgadios, “um acto de regulamentação administrativo-jurídica de um património” (Rosa, 1995: 20), destinado à vinculação dos bens de modo a evitar a dispersão deles. Simultaneamente, outro aspecto deste acto jurídico reflectia-se no âmbito mais estritamente social, vindo a “impor um modelo de comportamento familiar” (Rosa, 1995: 132) para que o nome da família perdurasse. E, de facto, o nome de muitas famílias italianas está ligado a propriedades e terrenos que lhes foram entregues através de doações régias ou foram por elas adquiridos para investir o capital económico que, assim, se transformava em capital social. A posse de terras e de quintas, fossem elas cabeça de morgado ou fossem apenas quintas de recreio, tornou-se num *status symbol* das famílias italianas mais abastadas. Para confirmar a importância que a posse de terras significava, basta recordarmos, a título de exemplo, o caso conhecido do contrato redigido a 1 de Fevereiro de 1317 com o qual o rei D. Dinis doava ao genovês Miçer Emanuel Pessagna como contrapartida dos serviços dele o “meu logar de Pedreyra per aquel logar per hu foy devisado pera os Judeus, com casas e com térreo livre.”¹

Ainda no período anterior ao que está assinalado no título deste contributo, estamos no findar do século XIV, um decreto régio de 1399 concedeu ao prazentino Filippo Pallastrelli várias terras no termo de Torres Vedras onde foi criado, em 1402, um lugar chamado “o Hespanhol”, nome derivado da alcunha do proprietário. Dos descendentes de Filippo Pallastrelli, foi João Lopes Perestrello que instituiu morgado e o seu testamento merece uma atenta leitura. O morgadio instituído por João Lopes Perestrello estava constituído por “Esta minha quinta da Ribeira do Hespanhol com tudo o que lhe pertence e a vinha, lagar de azeite, e o casal do termo de Cintra onde chamao a Murteira freguesia da Igreja nova com todas suas pertenças o qual casal eu herdei do ditto Miguel Nunes meu Irmão, e as minhas cazas na cidade de Lisboa arriba da cruz do Catta que farás, e toda e qualquer outra fazenda que ao tempo do meu falecimento for achada”². (Alessandrini, 2012: 108). Num documento do século XIX, encontramos algumas descrições da Quinta do Hespanhol: “A quinta e Morgado de Hespanhol, he huma das maiores propriedades da comarca de Torres Vedras. Consta de grandes vinhas, terras de pão, muitas terças, azeite muitas frutas: a sua lotação he de duzentas pipas de vinho, quinze moios de pão e reduzidos os seus géneros pelos preços médios, rende três contos de reis livre de toda a despesa; tem mais este morgado outras propriedades pequenas que lhe são anexas”³.

A Quinta do Hespanhol manteve ao longo dos séculos o seu encantamento ao ponto de, em 2014, foi emitido requerimento à Direcção-Geral do Património Cultural para a classificação patrimonial do Solar da Quinta Velha do Hespanhol. Permito-me deixar aqui umas breves linhas que querem expressar simultaneamente saudade e tristeza: saudade pelo Sr. João Perestrello com quem tive o privilégio de privar há uns anos e que me mostrou a beleza da Quinta quer no exterior quer no interior; tristeza porque, ao passar pela Quinta há uns meses atrás neste ano de 2024, vi o fim do antigo esplendor, uma Quinta abandonada onde a vegetação está a tomar conta do construído.

Voltando ao tema destas páginas, veja-se que a Quinta do Hespanhol, envolvida no verde, em espaços abertos de dimensões importantes incorpora aquelas que eram as características peculiares das quintas dos italianos e não só. Eram sítios que primavam por peculiaridades naturais próprias, juntando os prazeres do recreio e do descanso e, nesse sentido, a localização da quinta devia contemplar amplos terrenos necessários para a sua sustentação uma vez que, regra geral, a distância dos sítios povoados, com mercados e lojas onde poder-se abastecer, era significativa. E a própria arquitectura

¹ Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), Chancelaria D. Dinis, L. 3, fl. 108; transcrito por João Martins da Silva Marques, *Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, Edição do Instituto para a Alta Cultura, 1944, vol. I, doc. 37, p. 28. No documento explicita-se que ele e os descendentes podiam fazer o que mais lhes agradasse dos terrenos “como de vossa propria herdade”. Transcrito por Alessandrini, 2012: 107-112.

² ANTT, *Desembargo do Paço, Corte, Extremadura e Ilhas*, Mç. 1475, n.10, fl. 13.

³ Idem. Agradeço ao Lourenço Correia de Matos a entrega de documentos pouco conhecidos referentes à Quinta do Hespanhol sobre a qual está pronto um texto que está à espera de ser publicado.

das quintas, que não será abordada nestas páginas, obedecia às necessidades da utilização por parte dos proprietários. A sustentação da quinta estava subjacente ao cultivo da terra, à presença de poços e de fontes, à criação de animais, á cura de pomares, laranjeiras e mais árvores de fruto. Elementos, estes, que iremos encontrar nas quintas dos italianos espalhadas em todo o País, numa altura em que a presença destes estrangeiros em Portugal torna-se substancial devido à abertura do caminho para o Oriente.

A viagem de Vasco da Gama e as notícias que rapidamente se espalharam em toda a Europa foram o gatilho que deu origem à vinda em força de mercadores italianos em Portugal. Muitos destes, já membros de famílias importantes em Itália e/ou feitores de companhias comerciais activas e financeiramente sólidas, enriqueceram notavelmente e rapidamente. O dinheiro era investido para criar um *status* que lhes permitia movimentar-se na alta sociedade e inserir os filhos nas esferas relacionadas com o poder. As ricas casas comerciais que se constituíram para lucrar com o comércio a longa distância com o Oriente eram chefiadas, principalmente, por florentinos e pelo mercador oriundo de Cremona, Giovan Francisco Affaitati⁴. Este último, vindo de Cremona por volta de 1494, residia no bairro da Sé, na Lisboa Oriental, sítio particularmente apreciado pelos mercadores porque estava directamente ligado às zonas mais frequentadas pelos homens de negócio, nomeadamente a Rua Nova dos Mercadores e a zona onde se encontravam os armazéns das especiarias. Não é objectivo destas páginas aprofundar a importante actividade comercial do Affaitati, apenas mencionar que, na altura do seu falecimento ocorrido a 27 de Abril de 1529, tinha acumulado um ingente capital líquido, 5 contos de reis, e de bens de raiz. Para que o capital ficasse na família, Giovan Francesco instituiu dois morgadios: um morgadio de bens de raiz adquiridos no reino de Portugal e que incluía “a quinta dobedos que he cabeça do dito morgado e o juro dalfandega desta cidade na rua das esteiras”. (Alessandrini, 2012: 45), e um segundo morgadio que era constituído pelos 5 contos de reis que deviam ser empregue para comprar bens de raiz. O que nos interessa agora é a chamada Quinta de Óbidos – uma vez que, na altura, o Carvalhal, a terra onde a quinta se erguia, pertencia a Óbidos. A presença de Giovan Francesco Affaitati no Carvalhal estava com toda a certeza relacionada com a mulher Maria Gonçalves de Carvalhães ou Carvalhosa, de quem teve quatro filhos, Cosme, Lucrezia, Magdalena e Inês. A terra envolvente à quinta pertencia ao Mosteiro de Alcobaça que a doara, em 1430, a João Annes Lourido, daqui o nome Quinta dos Lorigos. O solar veio depois a pertencer a João Francisco Affaitati e será de propriedade da família, através da descendência de D. Inês, filha de Giovan Francesco Affaitati, até metade do século XVII. Através de documentação variada, nomeadamente, sentenças cíveis, contratos, testamentos, entre outros, sabemos que a quinta tinha um feitor, que produzia trigo e cevada; que tinha grandes vinhas nas quais se gastavam muitos dias para a vindima. A Quinta dos Lorigos, actualmente, mantém a sua vivacidade no Carvalhal do Bombarral, e constitui um sítio de recreio e visitas no chamado Jardim da Paz Buddha Eden.

Mas não eram apenas os donos das companhias comerciais a enriquecer com os dividendos dos negócios. Entre eles, um dos procuradores de Giovan Francesco Affaitati, também oriundo de Cremona, de seu nome Cristóvão Bocolli, arrecadou avultadas quantias de dinheiro que investiu em bens de raiz, adquirindo casa em Lisboa e vivendo numa quinta na rua da Palma a Nova, termo da cidade de Lisboa. A quinta tinha uma cerca e “dous quintaes hum a entrada e o outro por detrás em que fiz hum poço com seu pombal e engenho de atafona”⁵, tinha uma horta com casa para o hortelão e estrebaria, e mais outras casas, poço, nora e tanque de agua, uma fonte e um pomar, uma vinha que produzia cada ano acerca de três tonéis de vinho. Mais, o mercador cremonês possuía outro pedaço de vinha a caminho de Benfica e um olival em Palma a nova que se presumia pudesse produzir acerca de uma pipa de azeite. Uma particularidade da Quinta do Bocolli era a presença de dezoito gatos de algália numa casa de madeira construída de propósito para os abrigar. O italiano preocupa-se que o administrador do morgadio devia sustentar e manter o número de dezoito gatos para sempre. Deixa disposições

⁴ Sobre Giovan Francisco Affaitati e o seu percurso em Lisboa e no Carvalhal do Bombarral, seguimos de perto o contributo de Nunziatella Alessandrini (2012)

⁵ ANTT, *Hospital de São José*, Livro 38, fl. 47v.

acerca da eventual morte de um dos gatos: dentro de quatro meses, o administrador estava obrigado a “comprar outro grande e muito bom e bem feito que ponha em o lugar do que for morto”⁶.

Como já adiantámos, nas primeiras décadas do século XVI, para além de Giovan Francesco Affaitati, residiam em Lisboa ricos mercadores florentinos, entre os quais Bartolomeo Marchionni, Luca e Nicolao Giraldi⁷, Giacomo de’ Bardi, entre os mais afamados.

Se Affaitati organizou a sua Quinta no interior do País, Bartolomeo Marchionni⁸ resolveu residir, apesar de ter casas em Lisboa, na outra banda do Tejo, no termo de Almada. Cidadão português desde 1482, o riquíssimo Marchionni encontrava-se em Portugal desde a segunda metade do século XV, tendo chegado a Lisboa por volta de 1468 como agente dos Cambini, e, como ele próprio afirma num documento de 1508 em que, devido a um processo intentado no tribunal de Génova, devia atestar a sua cidadania portuguesa: “há quarenta anos que sou em estes Reinos e aqui tenho bens de raiz, casas em esta cidade, e quintas em Caparica, e aqui tenho meus filhos.” (Morais do Rosário, 1980: 108). Marchionni viveu em Almada onde possuía as quintas da Lagoa Alfonsine e Vale da Torre, 25 vinhas, 4 olivais e muitas terras.

De facto, a documentação refere que o filho Pedro Paulo casado com Brites/Beatriz Arrais – pertencente a uma rica e importante família portuguesa – residia em Almada, na quinta do Vale da Torre na Caparica, onde ele tinha uma “casa opulenta com tratamento muito nobre” e aqui faleceu a 8 de Outubro de 1564⁹. Também o outro filho, Belchior, casou com uma mulher portuguesa de família abastada, Leonesa de Lima, e residiu na quinta da Lagoa em Almada, onde exerceu como juiz ordinário e dos órfãos, falecendo em 1546¹⁰.

As relações pessoais, de amizade e de confiança, entre estas famílias de mercadores italianos eram muito chegadas. Luca Giraldi, trabalhando na casa comercial de Giovan Francisco Affaitati, se tinha tornado amigo dos filhos do mercador de Cremona e frequentes eram as suas visitas na quinta do amigo Cosme de Lafetá (a adaptação portuguesa do apelido Affaitati), filho de Giovan Francesco Affaitati, chamada Quinta do Cosme, em Colares, um palácio renascentista de que hoje apenas resta o portão com o brasão dos Lafetá. Não se conhecem quintas pertencentes a Luca Giraldi, o que não deve suscitar maravilha, uma vez que o rico e afamado homem de negócio florentino era frequentemente recebido em quintas de amigos chegados, entre os quais D. João de Castro. Para além disso, a residência de Luca Giraldi em Lisboa era de todo o respeito, ao ponto de o seu palácio, no bairro da Sé, estar contíguo ao de Lourenço de Sousa da família dos Sousa *aposentadores mores*, precisamente “no Largo do Correio mor as quaes tem um letreiro que diz Giraldez de Florença”¹¹.

Ainda na zona de Sintra, há referência à quinta de Giacomo de’ Bardi, mercador florentino que muito colaborou com os Affaitati e com Luca Giraldi. Temos notícia da existência da quinta devido a uma licença para ser erguido um oratório. (Mesquita Mendes, 2016: 124). Não se conhece, por enquanto, a localização exacta, apenas menciona-se a presença de uma “Quinta de S. Pedro de Penafferim (Sintra)”.

Contrariamente ao irmão Luca, Nicolau Giraldi possuía uma quinta, a quinta de S. Pedro no termo de Arruda, declarando que estavam vinculados à dita quinta de S. Pedro “hum cazal no termo da villa de Alenquer, chamado de Santo Estevao, por ser foreiro à Igreja de Santo Estevao da mesma villa”, assim como “outro cazal chamado de Monte Agrao ou Aragão, sito no termo da villa de Arruda, e foreiro a Commenda do Mestrado de Santiago do Reguengo, era pertença da dita quinta de S. Pedro”¹².

⁶ Idem, fl.49

⁷ Sobre Luca Giraldi remete-se para o estudo de Alessandrini, 2011.

⁸ Sobre a figura de Bartolomeo Marchionni, remete-se para Alessandrini, 2010; Bruscoli, 2014.

⁹ Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), cod. 1285, *letra M*, tomo II, *Familia de Marchionis*.

¹⁰ Idem.

¹¹ ANTT, Genealogias Manuscritas 21-E-4, fl. 268.

¹² ANTT, Feitos Findos, Fundo Geral, Letra C, maço 526 caixa 6627, fl. 10 e fl. 39v.

No termo de Lisboa, a presença de quintas e de casas importantes era detectada por quem passava pela capital portuguesa, admirando e confirmando uma realidade que, de facto, era marcante. Principalmente, eram os estrangeiros que possuíam casas e quintas no campo, como se lê numa carta de um flamengo, Juan de Mayere, que, em Lisboa em 1539, escreve ao seu correspondente em Sevilha, Crisóstomo van Immerseel:

Por aqui viven los estranxeros en sus haziendas en el campo lo más a tres leguas de aqui donde tienen sus viñas, olivares, frutales, y otros muchos deleytes de rios y arroyos como en nuestra soberana patria, pero con mucho más llaneza que en ella, holgarame que vm lo viera y la quinta de un amigo mio, una legua de Sintra que la une por un lado un rio bien alegre y umbroso con todo lo que arriba digo y mucha tierra calma donde se puede apacentar libremente ganado vacuño, ovejuõ y cabruño y aun de cerda si auizieren y ei dicho amigo la arrendaria con harta comodidad a alguno que tubiesse caudal y se quiziesse retirar a vida angélica (Stols, 1971: 373)¹³.

Especificamente, ainda em finais do século XVI, a cidade de Lisboa possuía, na zona entre Belém e Alcântara, umas quintas que embelezavam esta área. Uma destas pertencia ao rico mercador milanês Giovan Battista Rovellasca¹⁴ que tinha vindo a Lisboa em 1577 participando, ao longo de 25 anos, no contrato da pimenta da Índia, da alfândega, do açúcar de S. Tomé, dos escravos e da Mina. A quinta de Rovellasca estava situada ao lado do Convento das Flamengas e apesar de não primar pela arquitectura, tinha belos chafarizes e jardins com canas de açúcar: “famosas cannas de açúcar que hum dia destes vi naquella nobre quintaã de loam Baptista de Revelasca gentil homem Milanês, que tem em Lisboa entre Alcãtara & o mosteiro de Bethlem”. (Leão, 1610: fl.61). Estava cercada por um muro e ruas de parreiras com pilares de alvenaria a atravessavam; havia 3 tanques com figuras que deitavam água, uma fonte com 3 figuras cobertas por um alpendre e, junto à fonte, um grande tanque com 3 sátiros. Não faltava um nicho e assentos de pedra e azulejos. Uma parte da quinta estava repleta de árvores de frutos com um muro que tinha 7 nichos com figuras de relevo, e da outra banda do pombal pelo poente ficava outra parede que tinha dez nichos e oito figuras de relevo e 3 capelas. No jardim havia um grande tanque, que tinha de comprimento 168 palmos, de largura 164 palmos, de altura 8 palmos e duas polegadas. (Castilho, 1960: 246). Em 1589 a moradia de Rovellasca foi assaltada pelos ingleses que, entre outras coisas, roubaram 5000 sacos que o mercador tinha para recolher a pimenta das naus da Índia. Em 1602 a quinta passou a fazer parte da fazenda real por problemas que Rovellasca teve com o contrato da Mina e nos reinados de Filipe II (1593-1621) e de Filipe III (1621-1640) foram efectuadas muitas obras para melhorar quer a quinta quer o palácio. Em 1603 Filipe II nomeiou Teodósio de Frias, mais tarde mestre das obras dos Paços da Ribeira, como arquitecto das obras e entregou a administração da quinta ao licenciado Molina de Medrano (1605-1606) a quem sucedeu D. Melchior de Teves. Durante o reinado de D. João IV a família real habitou o paço em várias ocasiões e foi o mesmo rei que anexou, em 1645, diversas terras que formavam a quinta da Ninfa e o casal do Rio Seco, anexados ao paço de Alcântara. É a partir desta altura que se constitui a real tapada de Alcântara caracterizada por espessas matas de zambujo em que se podia encontrar caça de todas as espécies. Atrás deste parque havia uma estacada, ou teatro, destinada às festas dos toiros. Os imóveis que faziam parte da quinta eram: casas sobradas com lojas por baixo e três tercenas. Mais, dez casas todas forradas e ladrilhadas com dois entres solhos e uma escada em pedra com casa de adegas, cozinha e forno, estrebaria e palheiro e casa de moços com um corredor que era pegado às ditas casas. No que diz respeito ao palácio, descrições coevas mencionam algumas divisões como o quarto em que faleceram o príncipe D. Teodósio e o seu irmão D. Pedro II: a casa do dossel; uma grande sala de 70 palmos de comprimento e quase outro tanto de largura, em que se tinha preparado o catafalco.

A família real manteve o hábito, durante as primeiras décadas de 1700, de se deslocar para o paço de Alcântara, divertindo-se a caçar coelhos ou a assistirem às lutas entre javalis e touros. Em 1770 residia

¹³ Agradeço a informação a Rui Manuel Mesquita Mendes.

¹⁴ Sobre Giovan Battista Rovellasca veja-se, entre outros, Benedetta Crivelli (2017).

lá D. Luís da Cunha Manuel antigo enviado extraordinário ministro plenipotenciário de Portugal em Londres; a partir de 1775 ainda em vida o da Cunha, habitava no palácio Manuel Gomes da Silva oficial da secretaria do ministério dos negócios estrangeiros e da guerra. Acerca de 1796 até 1808 foi dado a Francisco José Dias que lá montou uma fábrica de chitas que ali funcionou durante alguns anos. O paço de Alcântara nunca foi restituído à sua antiga beleza depois do terramoto de 1755 e foi demolido em 1876.

No limite oposto da cidade de Lisboa, nesta segunda metade do século XVI, vivia na sua quinta “por cima do Convento de Chellas, lemite desta cidade” (Alessandrini, 2010: 248), Lucrezia Fantoni, irmã do conhecido e apreciado mercador florentino Raffaele Fantoni que provinha de uma família de nobres florentinos, tendo-se dedicado ao comércio com os seus irmãos. Em Lisboa, Raffaele Fantoni tinha uma sociedade com o florentino Giulio Nessi com quem mantinha comércios com o oriente, tornando-se num homem de negócio conceituado. Relacionado com o ambiente eclesiástico, o nome de Raffaele Fantoni aparece com frequência nos relatórios de Giovan Battista Confalonieri, secretário do colector Fabio Biondo em Lisboa nos anos de 1592 até 1596, que se tornou especialista nas questões portuguesas. E é nas informações que Confalonieri redige em 1601 destinadas ao colector Gaspare Paoluccio Albertoni que Raffaele Fantoni é mencionado como sendo “buono amico, e huomo leale.” (Demoulin, 1974: 160).

Esta breve panorâmica sobre algumas das quintas que os abastados mercadores italianos possuíam e nas quais viviam ou habitavam nos momentos de descanso com a família, evidencia a importância que tinha possuir propriedades para a comunidade de estrangeiros. Casas em Lisboa e a posse de propriedades maiores no termo da capital e nos arredores eram sinónimo de pertença a uma elite que se queria integrar na sociedade portuguesa de modo a assegurar a sua descendência e a manter vivo o nome da família de origem.

BIBLIOGRAFIA

ALESSANDRINI, NUNZIATELLA (2010) – *Os italianos na Lisboa de 1500 a 1680: das hegemonias florentinas às genovesas*, Tese Doutoramento, Lisboa, Universidade Aberta.

ALESSANDRINI, NUNZIATELLA (2011) – Contributo alla storia della famiglia Giraldi, mercanti banchieri fiorentini alla corte di Lisbona nel XVI secolo”, in *Storia Economica*, ESI, (3), pp. 377-409.

ALESSANDRINI, NUNZIATELLA (2012) – Os Perestrello: uma família de Piacenza no império português (século XVI). In ALESSANDRINI *et alii* (coord.). *Di Buon Affetto e commercio. Relações luso-italianas na Idade Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além Mar, pp. 81-112.

ALESSANDRINI, NUNZIATELLA (2014) – Os italianos e a expansão portuguesa: o caso do mercador João Francisco Affaitati (séc. XVI). In CONTU, Martino *et alii* (coord.). *Tra Fede e Storia. Studi in onore di Don Giovannino Pinna*. Cagliari: Aipsa Edizioni, pp. 35-50.

BRITO, GOMES DE (1888) – Convento das Flamengas em Alcântara. Os arquitectos Frias, em *Revista Archeologica* (dir.), A.C. Borges de Figueiredo, Lisboa, Adolpho, Modesto & C. Impressores, 1888.

BRUSCOLI, FRANCESCO GUIDI (2014) – *Bartolomeo Marchionni “Homem de grossa fazenda” (ca.1450-1530). Un mercante fiorentino a Lisbona e l'impero portoghese*. Firenze: Leo S. Olschki Editore.

CASTILHO, JÚLIO DE (1960) – *A Ribeira de Lisboa*, Revista e ampliada pelo autor e com anotações de Luís Pastor de Macedo, Lisboa, vol. III

CRIVELLI, BENEDETTA (2017) – *Commercio e finanza in un impero globale. Mercanti milanesi nella penisola iberica (1570-1610)*, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura.

DEMOULIN, LOUIS (1974) – “Le Portugal, son économie et son trafic d'outre-mer vers 1600, vus par le Florentin Raffael Fantoni”, in *Bulletin de l'Institut Historique Belge de Rome*, Bruxelles-Rome, fascicule XLIV.

FREITAS, JORDÃO DE (1946) – Paço Real de Alcântara- sua localização. Elementos para a sua história desde o domínio filipino, Lisboa, separata de OLISIPO, n. 36, Outubro, pp. 3-26.

- LEÃO, DUARTE NUNEZ DE (1610) – *Descrição de Portugal*, Lisboa: Impresso com licença por Jorge Rodriguez.
- MENDES, RUI MANUEL MESQUITA (2016) – Câmara Eclesiástica de Lisboa: contributos para o estudo da presença dos italianos e famílias de origem italiana na região de Lisboa (séculos XVI, XVII e XVIII). In ALESSANDRINI, Nunziatella et alii (coord.). *Scrigni della memoria. Arquivos e Fundos Documentais para o estudo das Relações Luso-Italianas*. Lisboa: Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, pp. 115-150.
- ROSA, MARIA DE LURDES (1995) – *O Morgadio em Portugal sécs. XVI-XV*, Lisboa: Editorial Estampa.
- ROSÁRIO, FERNANDO MORAIS DO (1980) – “O português Bartolomeo Marchionni no tribunal de Génova”, in: *História*, 22/23, pp. 106/113.
- STOLS, EDDY (1971) – *de Spaanse Brabanders of the Handelsbetrekkingen der Zuidelijke Nederlanden met de Iberische Wereld : 1598-1648*. Vol. 1. Brussel : Paleis der Academien.